

X

PRODUTOR: Emissora Nacional RDP

Nº. de referência: 658

Título: O ESTRANGULADOR DO PARQUE MUNICIPAL

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): AUTOR DESCONHECIDO

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: ?

Data de Emissão: ?

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
	NORIYA LANE
	DAVID BARTON
	DIRECTOR
	MÃE
	AMIGA

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

10/10/68

(V.S.F.F.) ⇨

Notas:

- NÃO EXISTE REGISTO DOS NOMES DOS ACTORES

Indexação: - TEATRO RADIOFÓNICO

O
E S T R A N G U L A D O R
D O
P A R Q U E M U N I C I P A L

personagens

NORMA LANE

DAVID BARTON

O DIRECTOR

A MÃE

A AMIGA

O ESTRANGULADOR DO PARQUE MUNICIPAL

Indicativo

Ambiente: sem caracterizar

NORMA LANE (voz jovem, de acentos sinceros) : Chamo-me Norma Lane e sou uma típica adolescente de cidadezinha americana. O meu pai tem uma pequena fábrica de brinquedos. A nossa vida é relativamente desafogada. Eu ajudo a mãe em casa, de manhã, e o pai de tarde, no escritório da fábrica. À noite vou a uma escola de artes decorativas, que abriu há um ano, com grande frequência, no outro lado do parque, no extremo sul da cidade.

Sucederam-me ultimamente dois casos extraordinários. Um é do domínio público; o outro diz-me respeito a mim, pessoalmente.

Começo pelo primeiro, que nos trouxe - e traz - a todos num estado de excitação que em nada se harmoniza com a pacatez do lugar. Refiro-me à recente série de crimes - três até à data - que se verificaram em pleno parque, de noite, depois das últimas aulas. Todas as vítimas eram minhas colegas. A primeira foi Susan Morris, uma repariguinha de dezassete anos, dócil, branca, de olhar cândido, que nem a morte conseguiu empanar. A segunda foi a Rosemary, não me lembro do seu apelido, que era a melhor em Desenho e sempre andava só, porque

era muito tímida e introvertida. Finalmente, a terceira, há cerca de dois meses, chamava-se Helen Davis; e era alegre e comunicativa, sempre com o riso nos olhos e uma saída viva e engenhosa na boca de lábios carnudos.

Motivo musical curto. Ambiente: interior de sala cheia, com murmúrios e zunzuns

DIRECTOR (voz lenta de velho, bondosa mas firme; como quem continua uma conversa ou discurso) : Ora estas mortes, já o sabeis todos vós, têm vários pontos de coincidência. Primeiro: o carácter das vítimas, que era impoluto, sem nada em seu desfavor. Depois, o local onde foram sacrificadas, o sítio mais denso e difícil de vigiar do Parque Municipal. E por fim, a forma como os crimes foram executados: as três pobres pequenas apareceram, todas elas, como é do vosso conhecimento, estranguladas não se sabe com que objecto, mas, segundo a versão da polícia, possivelmente com uma meia de seda, dada a ausência de marcas de dedos no pescoço. (Pausa curta) Na minha qualidade de director, ao reunir aqui todos os alunos e alunas dos cursos nocturnos, pretendo antes de mais nada, manifestar publicamente a repulsa das entidades superiores desta Escola por tão infortunadas ocorrências; e, em segundo lugar, ratificar todo o nosso interesse, humano, social e até profissional, no rápido esclarecimento destes nefandos crimes e o castigo do culpado. Um terceiro propósito consiste

em anunciar-vos que estamos em negociações para a compra imediata dum autocarro, que, não obstante a proximidade a que nos encontramos do centro da cidade, possa transportar gratuitamente todas aquelas alunas que...

A mesma música anterior, cobrindo as últimas palavras do DIRECTOR. Depois, ambiente de casa, com rádio ligado em fundo, falado em inglês/americano

MÃE (voz madura, em tom convicto) : Não, não, tem paciência,

Norma. Eu é que não te deixo ir assim, como até agora. Quando a escola tiver o autocarro...

NORMA: Mas não há perigo nenhum, mamã, já te expliquei. Vimos

um grupo de quase vinte pessoas, rapazes e raparigas. Os rapazes vêm armados, quem é que se atreveria a assaltar-nos?

M. : Não insistas, menina. Nenhuma mãe está disposta a perder uma filha a troco dum curso de decoração. Enquanto o teu pai não regressar e te puder ir buscar, como antigamente...

N. : Mas, mamã, e as aulas? Julgas que posso dar-me ao luxo de perder assim tantas aulas seguidas?

M. : É melhor perder o ano que perder a vida! E já sabes como estas coisas são. Ao princípio, tudo são cautelas, tudo são vigilâncias. Estrangulam uma dessas infelizes e, ao dia

seguinte, até os contínuos da escola andam por lá a ajudar a polícia a patrulhar o parque. Mas passam-se uns dias - e o que parecia tão bem organizado, começa a abrandar e acaba por esquecer. É é disso que se tem aproveitado o assassino ou os assassinos. Cada morte acontece sempre que se atinge o ponto máximo de relaxamento. É ou não é verdade?

N. : Pois sim, mamã. Já o director disse o mesmo: as pessoas cansam-se e a natureza humana habitua-se a viver até com o próprio perigo. Mas é que agora não há perigo, podes crer.

M. : Quem me dera que assim fosse, Norma! Quem me dera que a nossa cidade voltasse depressa a ser tão pacata e acolhedora como sempre foi, sem chamar sobre nós as atenções do país, como agora acontece. Creio que todos dispensaríamos de bom grado esta triste celebridade.

N. (em voz muito baixa, enquanto a música anterior se faz de novo ouvir) : Pois sim. Tudo isso está muito bem. Mas se não posso ir às aulas, como é que vou tornar a ver o David Barton?

A música cessa

NORMA (com a mesma voz confidencial do princípio) : Este é o meu segredo, a segunda coisa extraordinária que acaba de me acontecer; mais do que extraordinária - maravilhosa:

sim, acabo de descobrir o amor.

Chama-se David Barton, frequenta a nossa escola, e é um rapaz, melhor, um homem que não sei definir, tão misteriosa e confusa é a sua personalidade. Não nasceu aqui, vive num dos hotéis da cidade, creio, e ninguém sabe de onde é nem a que família pertence. É alto, ágil, tipo de atleta, com ombros de levantador de pesos e movimentos de tigre, pronto a encolher-se e a saltar. Tem umas feições de estátua grega e um olhar que às vezes parece perdido no infinito, para logo em seguida se tornar duro e penetrante. Veste com elegância, ou antes, com à vontade, a maior parte das vezes desportivamente, camisola branca e calças de vaqueiro. A culminar tudo isto, é mau aluno, mas tem sempre umas respostas tão prontas e incisivas, que nos mantém a todas pendentes do seu engenho. Digo todas, porque na realidade, o David tem feito estragos entre a quase totalidade das jovens do colégio. Às vezes, pergunto a mim mesma se ele é, verdadeiramente, como eu o vejo e intuo, ou se são os meus olhos que se turvam e o falseiam.

Música. Depois, ambiente: lavabo; água a correr dum torneira. Fechar metálico de porta.

AMIGA: Olá, Norma! Que é que fazes aqui, sozinha na casa de banho, parada, a olhar para o espelho?

NORMA (tom ausente, distraído) : Boa noite, Meg. Estou a pen-

tear-me para sair.

A. (irónica) : Que bem! És a única que se preocupa com o aspecto a esta hora da noite, depois das aulas.

Metes-te aqui... e, claro, não há quem te veja. (Intencional)

E tu também não tens olhos para as amigas... Não fazes outra coisa em toda a noite senão olhar lá para o canto em que o David está...

N. : Não me digas que reparaste!

A. : Ai não que não digo! E mais: apesar do muito que tentas disfarçar, não há ninguém em toda a aula que não saiba e não comente.

N. : Há outras a quem acontece o mesmo...

A. : Sim, mas essas são as descaradas de sempre, que já levam no rol mais de cinquenta namoros e vinte e cinco noivados.

Agora tu, a inacessível Norma...

N. (confidencial) : Creio que estou apaixonada, Meg.

A. : Bem, mais ou menos toda a assistência feminina da escola não faz outra coisa que atirar-se ao David. Parece que anda tudo enfeitado com ele. Mas a diferença é que ele, às outras, não liga nenhuma. E a ti...

N. : A mim, quê?

A. : A ti parece que é outra coisa.

N. (ansiosa) : Achas, Meg? A sério?

A. : Pois claro. A quem é que ele escolhe quando quer fazer as suas perguntas de Perspectiva? Hã...?

N. : Bem, só me perguntou uma ou duas vezes.

A. : E já o viste pegar nos lápis de alguém e pôr-se a afiá-los um a um, como a ti, o outro dia?

N. : Sim, também estranhei. E achas que isso é prova de interesse?

A. : Num rapaz como ele, sim.

N. : Não sei, não sei. São coisas tão pequenas, tão simples, tão desligadas...

A. : Pois numa pessoa como o David Barton, sempre tão alheado, com aquele seu ar tão ausente, de amável indiferença com os seus admiradores... ou admiradoras - eu acho que é muito.

N. : Meg, a ti posso dizer-te, sei que és minha amiga e não vais contar a ninguém. Mas, quando ele me sorri ou quando o descubro a olhar fixamente para mim, fico como aturdida, queres crer? O coração bate-me com uma força que parece querer rebentar... sinto como uma onda de calor a subir por mim... a ruborizar-me até às orelhas...

A. : Sim, não há dúvida, estás perdidinha por ele! É o mais curioso, quando penso na impressão que ele causa em vocês todas...

N. : Sim, Meg...

A. : É verificar que a mim nunca me produziu impressão nenhuma.

N. : Palavra?

A. : Sim, acho-o um tanto falso, com aquela sua atitude estudada de nos tratar a todos como um pai ou um irmão mais velho, não sei^{se} me entendes, de quem desculpa as traquinices da garotada...

N. : Tem graça, a mim parece-me tudo isso natural. É o mais curioso é que outro dia ouvi a Ruth dizer mais ou menos o que tu dizes.

A. : Tem cuidado com ela, Norma; a Ruth é das mais perigosas. Se queres que te diga, tem cuidado também com todas as outras. Há por aí muita amiga falsa a murmurar de ti, roidinha de inveja.

N. : Sim, já dei por isso.

A. : Então, acautela-te.

N. : Ouve cá, Meg. Porque é que julgas que o David adopta aque-

le ar conosco?

A. : Não sei, nunca me dei ao trabalho de pensar nisso. Creio que é uma pose, uma forma de atrair, fingindo-se inacessível.

N. : Pois eu tenho a certeza de que é o ar próprio de um homem já feito, seguro, experiente, muito acima de todos estes rapazecos que nos rodeiam.

A. : Pode ser. A maioria, realmente, é uma cambada de gaiatos, aéreos, inconsistentes. E o David Barton, a sério ou a representar, parece saber o que quer e para onde vai.

N. : Ora aí está, Meg, agora é que tu acertaste na definição! Enquanto todos os outros parecem flutuar, indecisos, sobre a vida e os seus problemas, ele tem uma força, uma segurança, um fluido que parece que hipnotiza a gente, que subjuga e ao mesmo tempo protege. Ah, se ele realmente gostasse de mim...

A. : Não vejo porque não há-de gostar. És alta, elegante, bonita, andas sempre bem vestida e bem maquilhada; não és como nós, que usamos estes disparates modernos, só porque são modernos, sem ver muitas vezes como nos ficam mal.

N. : Não, se ele gosta de mim, não acho que seja por isso. Há outras raparigas mais bonitas e atraentes do que eu e, além disso, sempre a atirarem-se-lhe à cara.

A. : Talvez ele se sinta inclinado por ti por seres assim tão sossegada, tão metida contigo mesma.

N. : Pode ser, já pensei nisso. Sabes o que a minha mãe costumava dizer? Que eu sou uma rapariga doutros tempos. Não nasci para viver neste mundo de hoje, de drogas e liberdades mal interpretadas. Ou talvez... (Pausa)

A. : Talvez quê?

N. (sonhadora) : Sim, deve ser isso. Talvez o que aconteça é que ele sabe que o amo desde o primeiro momento; e então captou a minha mensagem e sente que não pode passar sem mim, como eu nunca poderei viver sem ele.

Separador curto. Ambiente: rua pouco movimentada, à noite; carros que passam devagar, de tempos a tempos

DAVID BARTON (voz forte e máscula, de tom carinhoso) : Olá, Norma. Pensei que nunca mais vinha.

N. : Olá, David. Distraí-me a falar com a Meg.

D.B. : A Meg? Quem é a Meg?

N. : Aquela ruiva, pequenina, que é a namorada do Dick. Olhe, lá vão eles, à entrada do parque. (Noutro tom) Também se atrasou?

D.B. : Não, ainda é um bocado cedo para mim. Estava por aqui a fazer horas.

N. : Não me diga que estava à minha espera...

D.B. : Não... bom... sim. Como não a vi com o grupo que saiu primeiro, pensei que naturalmente não tinha quem a acompanhasse. Vamos?

N. : É muita amabilidade sua, David.

D.B. : Bem, não é só amabilidade...

N. : Não?

D.B. : Digamos que houve também um certo interesse, ou, se quer, curiosidade. O certo é que, embora pouco tenhamos falado, dá-me a impressão que a conheço desde sempre, que sei como são as suas reacções, as suas ideias, os seus sentimentos.

N. : Palavra?

D.B. : Claro que são fantasias minhas. Mas hoje disse de mim para mim: E porque é que não tiras as coisas a limpo, David? Porque é que não falas com a Norma, aquela pequena tão encantadora, que parece tão diferente das demais?

N. : Diferente, eu? Diferente em quê?

D.B. : Pois, já que me pergunta, direi que me parece mais ati-

nada, mais madura, mais séria, mais inteligente, sempre com a resposta pronta quando os professores lhe perguntam alguma coisa.

N. : Obrigada, David. Isso são favores seus.

D.B. : Não, não, acredite que sou sincero. E vou-lhe dizer mais: quando os nossos olhares se encontram...

N. (aflita, disfarçando) : Está uma noite formidável, não acha? Nem parece que ainda estamos em Março.

Ruídos característicos de bosque. Piar isolado de algum pássaro

D.B. : Sim, faz-me lembrar algumas noites lá na minha terra distante. Mas, como ia a dizer...

N. : De que estado é que você é, David?

D.B. : Da Virgínia.

N. : Tem graça. Não lhe acho pronúncia do Sul.

D.B. : É que já saí de lá há muito tempo. Praticamente era um miúdo ainda; mas as recordações de infância são as que mais perduram. O meu pai tinha uma pequena garagem, com oficina de reparação de automóveis; vivíamos num chalezinho com um jardim em toda a volta e uma varanda com um alpendre que era quase

mais espaçosa do que a casa, ou pelo menos assim me parecia a mim. E em certas noites como esta... (Pausa)

N.: Você teve uma infância feliz, David?

Piar inesperado e desagradável dum pássaro

D.B. (estranhado) : Eu? Uma infância feliz? Sim, nalguns momentos, sim. Quando, por exemplo, me sentava cá fora e, no escuro, ficava a embalar-me, na cadeira de baloiço, para trás e para diante, para diante e para trás, a sonhar de olhos abertos.

N. : E que sonhava?

D.B. : Sonhava com libertar-me daqueles horizontes estreitos, crescer, aprender, viver numa grande cidade, ter um trabalho importante, chegar a ser um grande homem - tudo isto, claro, da maneira vaga com que sonham os garotos. E outras vezes... (Pausa)

N. : Outras vezes, quê, David?

D.B. : Outras vezes pensava que nada disso teria valor, se não fosse compartilhado com alguém a quem eu amasse com paixão, uma mulher que me considerasse o mais importante de todos os homens, e me quisesse como eu a ela, e fosse a minha estrela, a minha fé, o meu mundo.

Silêncio momentâneo

N. : Você sofreu muito em pequeno, David? O seu pai não era seu amigo?

D.B. : O meu pai morreu tinha eu sete anos. E nunca houve um pai e um filho que gostassem tanto um do outro.

N. : Sinto muito. E a sua mãe?

D.B. : Não cheguei a conhecê-la.

N. : Então ficou sozinho? Não tinha irmãos, não tinha família? Quem o criou?

D.B. : A minha madrasta. (Em voz mais baixa) Uma madrasta que me batia e humilhava, que me prendia com uma corrente à mesa da cozinha, como a um animal, para eu não fugir.

N. : Desculpe, David. Não era minha ideia provocar recordações tão tristes.

D.B. (vivamente, num tom de novo natural, liberto) : Ah, não tem importância, pode crer, Norma. Apesar de tudo, não fiquei traumatizado. As minhas recordações da infância não são mais que isso que diz - tristes recordações. Um dia, apesar das correntes, fugi. E vim por aí fora. E tive sorte. Cresci, trabalhei, estudei, fiz-me um homem. Só o que ainda não encontrei..

N. (interrompendo) : Agora por isso do estudo. Por que demónios se meteu você a um curso de decorador? (Carinhosa)
Não lhe vejo nenhuma inclinação, desculpe que lhe diga. Está sempre desatento... vê-se que o seu forte não...

D.B. (de súbito) : Olhe, estamos a chegar justamente ao ponto onde as suas três colegas, ^{quero dizer /} ~~nossas~~, apareceram estranguladas.

Acorde musical a sublinhar

N. : Credo, até me tinha esquecido disso. Como é que sabe que foi aqui que elas apareceram, exactamente?

D.B. : Estive cá a ver, quando a policia cercou esta zona.

Repare como o sitio foi bem escolhido. Aquelas moitas são, por assim dizer, impenetráveis: ou seja, que ninguém pode fugir por ali. Deste lado temos a ravina, que mais parece um barranco, tão escuro que nem o ser mais destemido se atreve a meter por ele.

N. : E dali?

D.B. : Dali saiu o criminoso, está mais que provado. Surgiu de trás duma destas árvores e... (Noutro tom) Bem, mas deixemos isso. Não quero que se impressione.

N. : Não, não tenho medo, acredite. Consigo a meu lado, David...
(Mais baixo, receosa) Espere, que vulto é aquele, ali, cósido àquela árvore?

D.B. : É um agente, não se preocupes. Não viu os outros dois, um de cada lado, agachados, quando a gente entrou na clareira?

Piar aflitivo do mesmo pássaro anterior. Música, em se-
parador um tanto prolongado. Depois, interior silencioso de
gabinete

NORMA: Mandou-me chamar, senhor director?

DIRECTOR (com a sua voz cansada e bondosa) : Sim, entra, Norma. (Pausa curta) Senta-te, não fiques de pé. (Nova pausa) Bem, o assunto que tenho de abordar contigo é um tanto penoso e delicado. Vejamos. Não é segredo para ninguém que esse aluno que aqui está de novo, o David Barton, parece demonstrar um certo interesse por ti.

N. : E que tem isso de especial?

D. : Já por três vezes, esta semana, que ele te acompanha a casa.

N. : Como é que sabe? Quem é que lhe veio dizer? Já tenho dezoito anos e...

D. (interrompendo, pacientemente) : Ora, não te esqueças de que o parque continua a estar vigiado, embora, ao atravessá-lo, não se veja ninguém por lá. Bem, o caso é este. Es-

tou em estreita colaboração com a polícia para o descobrimento do assassino das três alunas estranguladas durante o ano lectivo. E tanto a polícia como eu temos boas razões para supor que o David é o nosso homem. Mais, estou certo de que ele se inscreveu neste colégio justamente para poder escolher as suas vítimas entre as colegas com toda a segurança e conhecimento de causa.

N. (veemente) : Não, é mentira! O senhor tem fama de infalível, mas desta vez garanto-lhe que está enganado! O David Barton é um homem bom e são e carinhoso, não um vulgar assassino! Teve uma infância triste e tudo o que pretende...

D. (adiantando-se) : Escuta o que te digo, Norma. Não sejas ingênua. David Barton é o estrangulador do Parque Municipal. E tu estás destinada a ser a sua próxima vítima, há muito que ele te elegeu. Insinua-se no ânimo das mais tímidas, ganha-lhes a confiança e então...

N. (soluçando) : Não, por amor de Deus, pare, pare! Eu amo-o com todas as minhas forças e sei que ele me ama também! Adivinho-o nos seus olhos e na ternura das suas palavras, um homem assim não pode ser doido, e só um doido mata sem motivos! (Soluça mais)

D. : Pobre pequena, como me custa revelar-te tudo isto! David Barton é justamente um caso psiquiátrico. Esteve interna-

do num hospital, sob prisão, e conseguiu evadir-se. Esta noite, ele vai dizer-te que não pode acompanhar-te, deve ter sido assim que se passou com as outras infelizes... e tu vais fingir que aceitas as suas palavras... que acreditas no que ele diz. Não te preocupes... a partir desta noite tudo ficará esclarecido, compreendes? (NORMA não pára de soluçar) Vamos, não chores mais, já sei que tens o coração destroçado... Ah, este mundo é tão sórdido... deixa cá ver a malinha... (ruído de fecho de malinha de senhora) toma, aqui tens o teu lenço... limpa os olhos, anda. Agora, escuta com atenção o que tens a fazer; e depois vai para as aulas e procura mostrar-te natural.

Música adequada. Depois ruído de rua, algaraviada de vozes jovens. A seguir - silêncio

D.B. : Que é que tem, Norma? Vejo-a tão triste, tão perturbada!

Em toda a noite não olhou uma única vez para mim. Que é que tem? Diga-me!

N. (com voz ausente) : Nada, David, não tenho nada. Só o que me dói é a cabeça. Vai acompanhar-me até casa?

D.B. (inseguro): Não posso, Norma, esta noite é impossível, pode crer. (De súbito, noutro tom) Diga-me, falou com alguém? Com o director, por exemplo? É importante. Falou?

N. (com relativa firmeza) : Não, não falei com ninguém em es-

pecial esta noite. Bem, está-se a fazer tarde. Adeus, David.

D.B. : Adeus, Norma, adeus.

Música ténue em fundo.

N. (com voz que ressoa, longínqua, como em pensamento, primeiro sobre o som dos seus passos na calçada e depois sobre o pisar de folhas e os ruídos próprios do bosque, cada vez mais densos) : Adeus, David, até à eternidade. Dá a volta por esse lado e vai esperar-me lá adiante, em pleno parque. Ou então segue-me, protegido pelas sombras, e salta-me em cima lá onde as outras pobrezinhas foram estranguladas; e enquanto passares a tua meia de seda em volta do meu pescoço e a apertares, mais e mais, pensa que, comigo, estás a matar também a coisa mais sublime que existe neste mundo - o amor. Adeus, David, adeus! A vida sem ti não é vida e...

Silêncio súbito. Ruído próximo de pisar de folhas secas.

Depois o de umas ramadas que se afastam

DIRECTOR (com voz muito baixa) : Sou eu, Norma. Fizeste o que eu te disse? Não lhe contaste nada? (Os ruídos do bosque fazem-se de novo ouvir)

NORMA (como em sonhos) : Nada, não lhe contei nada.

D. : Fizeste bem, minha filha. Não tenhas medo, eu vou contigo.

Sabes, este mundo está cheio de imundície, cheira a podre. Uma jovem como tu, um botão em flor, mais vale que...

N. (com tom de voz já presente) : Espere. Se eu sou um chamariz para o assassino, devo ir sozinha. Porque, se o senhor vai comigo, o David Barton, ou quem quer que seja, não me atacará.

D. : Não te preocupes, minha pobre pequena. Não penses. Assim não sofrerás. Dizia eu que uma jovem como tu, pura, ingénua, dedicada, inteligente, não deve continuar neste mundo tão sórdido e infame... Eu... eu vou-te libertar!

N. : Não! Não, por amor de Deus!

Ruído de duas pessoas correndo, som de livros que caem, dois corpos que lutam

N. (em tom de quem lhe falta o ar) : NAAAAÃO!..So...co...rro!

D. (com voz ofegante mas cada vez mais carinhosa e cheia de piedade) : Isso, agora já não poderás fugir. Apertarei devagar, gentilmente, o meu lenço de seda em volta do teu pescoço. Pobre criatura, assim entrarás limpa de todo o pecado no reino dos céus.

Som de vozes misturadas, longínquas, ecoantes, como num sonho

VOZ DA MÃE : Não, não, tem paciência, Norma, mas eu é que não

to deixo ir assim... Quando a escola tiver o autocarro...

VOZ DA AMIGA : Sim, não há dúvida, estás perdidinha por ele!

VOZ DE DAVID BARTON : O meu pai morreu tinha eu sete anos...

VOZ DA MÃE : É melhor perder o ano que perder a vida!

VOZ DO DIRECTOR : O assunto que tenho de abordar contigo é um
tanto penoso e delicado.

VOZ DE NORMA : Não tenho medo, acredite. Consigo a meu lado,
David...

De súbito as vozes calam-se, ouvem-se apitos, passos de
gente correndo, alvoroço entre os ruídos próprios do parque

D.B. : Está aqui! Está aqui! Quietos! Deixem-no comigo!

Som de luta e pancadas furiosas, por entre as apitadelas
que não cessam

D.B. (ofegante) : Tirem-mo das mãos! Tirem-mo das mãos, senão
dou cabo dele! (pausa curta) Tragam uma raça, depressa!

(Novos apitos)

N. (com voz apagada) : Não é preciso, David. Já posso respi-
rar. (Tosse)

D.B. : Bendito seja Deus, que cheguei a tempo! Como te sentes,
querida? Espera, que eu te ajudo. Isso, senta-te de en-

contro à árvore, assim estarás melhor. (Pausa curta) Sabes, cometi um erro que podia ter sido fatal. Calculei que ele atacasse no mesmo sítio das outras três vezes. Por pouco não chegava a tempo.

N. (com voz um pouco mais refeita) : Já sabias... (Tosse) Já sabias que era ele o assassino?

D.B. : Desde esta noite. Ele chamou-me lá acima, ao gabinete, e pediu-me que te deixasse à entrada do parque, para servires de isca ao assassino. Mas cometeu dois erros. Primeiro, disse-me que era uma ordem da polícia, com quem estava a colaborar. Segundo, meteu-me na algibeira do blusão, disfarçadamente, este espelhinho de prata, que eu sabia muito bem que eras teu. Quer dizer: preparava-se para te matar e acusar-me depois.

N. : Bem, isso compreendo eu. Mas porque é que dizes que foi um erro ele dizer que era uma ordem da polícia e que estava a colaborar com ela? A mim disse-me o mesmo e eu acreditei.

D.B. : Sim, porque tu não és ajudante de inspector da polícia nem te inscreveste no colégio para melhor investigar toda esta embrulhada... (Início da música final) Vamos, podes caminhar? Metemos por aqui, na estrada está uma ambulância à espera e... (De súbito, noutro tom) Ouve, Norma. Creio que devas ir pensando em como será a vida duma mulher de inspector,

isto admitindo que me darão a promoção. E admitindo também que tu queiras casar comigo, evidentemente... Para te falar com franqueza, não te posso oferecer uma vida tão calma e isenta de preocupações como uma jovem como tu com certeza gostaria de desfrutar.

N. : Querido. Achas que isso tem, realmente, qualquer importância?

MUSICA FINAL